

O QUE MUDOU NO NATAL BRASILEIRO

CHEGUEI ao Rio para celebrar o Natal com os amigos e parentes e verificar que esta festa está tomando, também aqui, um caráter bastante comercial. Poucos dias antes em Nova York, acompanhando Anselmo Duarte, estávamos abrindo caminho nas casas comerciais da Quinta Avenida, e nos espantando com o número de embrulhos que todos pareciam competir em levar para casa.

★ ★ ★

Aqui na Cidade Maravilhosa, as luzinhas de árvores de Natal, de decorações oferecidas por casas comerciais, também pareciam chamar os compradores de alegrias para os locais onde, por milagres de cruzeiros, algo parecia esperar, convidativamente, um freguês...

Sim, voltei ao Rio, desta vez apenas depois de dois meses de ausência. Voltei para fazer cinema, concretizando um velho sonho de levar para o mundo produto cinematográfico de nossa pátria... Depois de ter convivido com Anselmo Duarte por mais de um mês na terra do cinema, e o ter ajudado no que me foi possível, nos triunfos de San Francisco, Acapulco e da Casa Branca, traduzindo suas palavras comovidas nos dias em que o filme brasileiro foi tão aplaudido por mãos estranhas e competitivas, senti que o cinema brasileiro já passou, mesmo, da infância engatinhante.

Ainda terá que "sofrer" para chegar à maioridade, para se tornar indústria, para ter uma organização que justifique uma recompensa pecuniária como estão tendo os pioneiros do novo cinema italiano, japonês e grego... Há dez anos, o cinema destes países estava bem longe de poder apontar triunfos de bilheteria no mercado norte-americano, que pesa na balança comercial com 47% do mundo... Sim, vim para iniciar uma filmagem, ajudando a Cruzeiro Filmes Internacional, que irá aparecer em nosso cenário com um "short" sobre a bossa nova, em côres e com toda a autenticidade da nossa música do momento, já bastante ouvida no exterior...

★ ★ ★

Voltando, ainda uma vez, a lembrança para os meus dias de Nova York, lembro as conversas com o entusiasmado João Gilberto, Jobim, Carlinhos Lira, Sérgio Ricardo, Tom e outros, os que ficaram por lá, depois do muito comentado "fracasso" da bossa nova no Carnegie Hall. É com prazer que aproveito estas linhas para comentar sobre este "fracasso". E, para início de conversa, não foi fracasso. Não foi porque quem fracassa não é convidado, logo em seguida, para tomar parte em gravações com os melhores expoentes da música norte-americana no setor bossa nova, como aconteceu com os nossos músicos. Quando passei pela cidade dos arranha-céus, Jobim estava aflito com as muitas encomendas que lhe tinham dado para gravar. Em comentários que irão ouvir em meu programa "Em Hollywood com Louis Serrano", Jobim explica o entusiasmo norte-americano pela nossa nova modalidade musical e o que realmente aconteceu no célebre hall... Não foi fracasso, pêsse a quem pesar: o que houve em Nova York foi falta de organização, e, ainda que possa parecer estranho, dos organizadores da apresentação, norte-americanos e brasileiros... mas não foi fracasso dos músicos ou da música.

E é esta a razão porque resolvi fazer um "short" sobre esta mesma música, e a sua dança, algo que está sendo muito esperado além-mar...

★ ★ ★